

Homenagem a Yehudi Menuhin

Violinista do Século e Embaixador Itinerante da Música e da Paz

Cristina Brito da Cruz*

*“La música funciona en dos sentidos: permite hacerse oír y escuchar a otros.” (“Muere el mejor violinista del siglo.” Alonso e Frade. *El Mundo* – 13/03/99)*

A(s) Música(s) ao Serviço dos “Outros.” Percurso de Uma Vida

Lord Menuhin faleceu no dia 12 de Março de 1999, no Hospital Martin Luther de Berlim, semanas antes de completar 83 anos. Uma semana depois, nos jardins da Yehudi Menuhin School – em Stoke d’Abernon, Inglaterra – sob uma árvore que tinha plantado, alunos e ex-colegas tocaram durante a cerimónia de enterro.

À série de concertos que tinha dado em Fevereiro em França, seguir-se-ia uma tournée de três semanas na Alemanha. Depois do concerto em Dusseldorf esperava-o, a 9 de Março, a Filarmónica de Berlim que já não chegou a dirigir. Na sua agenda havia dezenas de concertos marcados, de que saliento os de Weimar, capital da cultura (Julho 1999) e Cidade do Cabo (Janeiro 2000).

Concertos em todo o mundo, primeiro como violinista e nos últimos anos como maestro, fizeram até ao fim parte integrante da sua vida. A sua actividade era incessante, como músico e como cidadão do mundo profundamente empenhado nas causas humanitárias e na defesa dos povos e culturas que sofrem, de minorias perseguidas ou que não vêem os seus direitos garantidos, tanto na Europa como no resto do mundo. Nos últimos anos da sua vida empenhou-se também no apoio e/ou criação de projectos e instituições. A Internacional Yehudi Foundation (criada em 1991 e sediada em Bruxelas), tem vindo a coordenar:

- O **Projecto MUS-E** (“Musique à l’École, source d’équilibre e tolérance”, iniciado na Bélgica, Hungria, Suíça, Inglaterra e Estónia em 1992 e em Portugal, onde é conhecido por Musas Europa, em 1996) no âmbito da educação artística para populações escolares do ensino básico (6 a 10 anos, de uma maneira geral) multiculturais e economicamente desfavorecidas, actualmente implantado em 12 países (70 esco-

las). O projecto potencia a presença de diferentes artes e de diferentes grupos culturais nas escolas, pretendendo assim uma completa mudança de mentalidades em relação à transmissão de comportamentos expressivos no ensino genérico e à sua importância na educação das crianças, como indivíduos e como seres sociais.

- A **Assembleia das Culturas da Europa (ACE)**, apostada em dar voz a todas as culturas minoritárias não representadas no Parlamento Europeu (cujas duas primeiras reuniões decorreram em 1998, em Haia e Lisboa, e a terceira em Bruxelas, em Janeiro último). Lord Menuhin apontava como objectivos da ACE e como futuro da Europa:

*“Defender ideas como hogar o dialecto (...). La representación de las minorías evitaría las guerras civiles. Nos habríamos podido ahorrar el drama yugoslavo, si las diferentes etnias hubieran podido expresarse ante una Europa comprometida en su defensa.” (“Yehudi Menuhin.” Eric Dahan. *El Mundo* – 13/03/99)*

*“El nacionalismo consiste en invadir el territorio del vecino y fabricar personas alienadas. La permeabilidad de la Unión Europea es algo tremendamente bueno. Sueño con la transformación de las fronteras, hasta que se conviertan en invisibles. Entonces en vez de muros de acero, crearíamos zonas de encuentro mutuo entre las diversas poblaciones.” (“Yehudi Menuhin.” Eric Dahan. *El Mundo* – 13/03/99)*

Para além destas iniciativas recentes, são ainda de mencionar:

- A **Yehudi Menuhin School**, criada em 1963 (Inglaterra, Stoke d’Abernon), escola vocacional para o ensino da música erudita que tem anualmente cerca de 50 alunos (entre os 8 e os 18 anos) e cujo objectivo é “formar óptimos músicos mas principalmente seres abertos e equilibrados, prontos a contribuir para a harmonia entre os homens”.

- A **Yehudi Menuhin School**, criada em 1956 (Gstaad, Suíça) também dirigida para o ensino voca-

cional da música e com importante contribuição na organização do Festival de Gstaad.

- Movimentos e associações como o **Live Music Now**, que promove concertos de jovens músicos em hospitais, orfanatos e outras associações de solidariedade social, **ESTA**, uma associação europeia de professores de instrumentos de cordas, **Mozart Fund**, recolha financeira preventiva para casos de catástrofes naturais e sociológicas (que propôs ser feita a partir de uma percentagem dos direitos de autor do domínio público), etc.

O campo de actividades de Menuhin incluía assim mais do que concertos dados (e em que cada vez mais dirigia algumas palavras à audiência), os júris de concursos em diversos países (como os do Concurso Internacional de Quartetos de Cordas em Londres ou o Concurso Rainha Elizabeth em Bruxelas), as visitas às suas escolas (ensino vocacional e às escolas em que estivesse implantado o MUS-E (ensino genérico) e muitas outras intervenções nos domínios artístico, pedagógico, cultural, social e mesmo político. Lord Menuhin mantinha um contacto directo com as populações e com os seus governantes, tanto participando em festas de comunidades ciganas como em reuniões com membros do Parlamento Europeu ou da Duma de Moscovo. Tinha uma preocupação constante em utilizar todos os recursos disponíveis para ajudar, em utilizar a notoriedade para pôr questões (muitas vezes incómodas do ponto de vista político), em recrutar boas vontades, pondo sempre a música ao serviço dos outros.

Um artigo escrito em sua memória, incitava os músicos a seguir o seu exemplo:

“Os músicos que desçam do seu pedestal e percorram o mundo. Abandonem os palcos, uma ou duas vezes por ano, e caminhem pela terra à procura das vozes silenciadas ou encobertas. Talvez então deixem de fazer sentido as intrigas vinculadas ao poder, os pequenos desacertos do quotidiano, as invejas, os amigos, os inimigos, as «oportunidades». Talvez então encontrem algo que nada restitui: os restos de dignidade humana espalhados pelas horas, quilómetros, milhas ou minutos que nos separam dos outros.” (“O Violino Silenciado.” Luciana Leiderfarb. Jornal Expresso – 20/03/98)

Lord Menuhin insistia que depois de nações e povos tanto terem lutado pela liberdade e independência, deviam agora começar a lutar pela “dependência”, pelo sentimento de que todos dependemos de nós próprios e uns dos outros. A indispensável criação de

laços entre indivíduos e entre grupos sociais seria em muito facilitada e favorecida se feita através da música, das artes de uma maneira geral. Com a sua bondade, os seus enormes saber e inteligência, acreditando nas suas causas, arrastava grupos de pessoas que incentivava constantemente a cumprir os seus ideais.

“Tenia grandes sueños. Era un soñador. Pero los llevaba a cabo. Captava a la gente con sus ideas y su gran vitalidad. Continuamente elaboraba planos...” (“Un Soñador.” Paloma O’Shea, directora da ESM Rainha Sofia. El Mundo – 13/03/99)

Era um homem que sabia escutar e que tinha genuíno interesse por aquilo que os outros tinham para dizer. Ao natural acanhamento que muitos tinham ao falar pela primeira vez com Menuhin, seguia-se o à vontade de falar com alguém que gostava das pessoas e se interessava pelos seus problemas. Daí a facilidade com que comunicava com todos, dos *outcasts* aos detentores do poder. Talvez por isso a sua morte tenha sido motivo de consternação para personalidades tão diferentes quanto o Dalai Lama, Nelson Mandela, Kofi Annan, Tony Blair, Eugeny Primakov, Jacques Chirac, o rei de Espanha, a rainha de Inglaterra e muitos outros governantes (como o Ministro da Educação de Portugal), músicos como Mstislav Rostropovich, Lorin Maazel, Daniel Barenboim, Nygel Kennedy, Teresa Berganza, ou por exemplo as irmãs Helena e Madalena Sá e Costa, e cidadãos comuns, alguns vítimas de perseguições ou alienados dos seus direitos, como os representantes de albaneses do Kosovo, húngaros da Transilvânia, turcos da Alemanha, marroquinos de França, etc, que privavam com ele na Assembleia das Culturas da Europa, um dos seus últimos “sonhos”.

Lord Menuhin e Portugal

Em 1935, com apenas 19 anos e já mundialmente conhecido, toca pela primeira vez em Portugal, no Tivoli, onde volta a tocar em 1953. Luís Costa, que colaborava com artistas como Enesco (professor de Menuhin) e Casals (seu grande amigo), proporcionar-lhe-ia os primeiros concertos em Portugal, no Porto. Em 1996, a então deputada europeia Helena Vaz da Silva, amiga de Lord Menuhin e actualmente membro da direcção da IYMF, depois de ter observado algumas animações do projecto MUS-E em Bruxelas, tudo fez para permitir a sua implantação em Portugal (que já tinha sido tentada em 1992). De facto, foi assinada uma convenção entre o Ministro da Educação de Portugal, Prof. Dr. Marçal Grilo, e Lord Menuhin, a 30 de Maio de 1996. Regressará a Portugal para visitar a

escola piloto do MUS-E e para dar um concerto a 22 de Maio de 1998 (abertura da Expo 98). Nessa ocasião chamou à Escola de Algés “l'école de mes rêves” elogiando os animadores portugueses que com ele participaram no Seminário Internacional de Bruxelas, como já o tinham feito nos seminários de Perpignan (1997) e de Budapeste (1996). Voltará uma última vez a Lisboa para presidir à segunda reunião da Assembleia das Culturas (Pavilhão das Comunidades Europeias, na Expo 98), em Setembro de 1998.

Na referida inauguração da Expo98, no teatro Camões, dirigiu o Messias de Haendel (e, por uma triste coincidência, o Hino de Portugal em sinal de luto por Lucas Pires, falecido nesse dia). Foi na ocasião condecorado pelo Presidente da República com a Grã Cruz da Ordem de Santiago de Espanha. No programa de concerto, Helena Vaz da Silva homenageou-o com um texto que transcrevo parcialmente:

“A sua carreira de músico tem sido um dos lados da medalha de que o outro é o empenhamento ilimitado em transformar o mundo num lugar de harmonia. A penetração e a visão dos seus escritos revelam um profeta do século XXI; a força anímica e a humildade da atitude, um santo laico; a obstinação e a generosidade na acção, um guerrilheiro ou um cruzado. (...) fui de admiração em admiração ao ver a evidência com que Yehudi Menuhin – vinte vezes condecorado com as mais altas insígnias de países de todo o mundo, trinta vezes doutorado honoris causa por universidades de todos os continentes – prossegue a

sua cruzada, sem cansaço, sem desesperança e com total desimportância da sua pessoa.

Acredito que seres assim são postos no mundo para o reorientarem. Para serem nossos sinais e balizas. Só isso explica o eco que ele desperta nas mais variadas categorias de pessoas. (...) escreve nos aviões as suas mensagens em todas as línguas, numa espécie de Pentecostes permanente, e fala coisas novas de todas as vezes e transforma o que se ouve em mais sementes”. (“A Yehudi Menuhin, cidadão do mundo”. H. Vaz da Silva. Programa de Concerto. Teatro Camões – 22/05/98)

Já num artigo *in memoriam*, H. Vaz da Silva escreveu:

“Ele avançava pelo mundo dentro, todo possuído pela sua missão, que era a de espalhar harmonia. Queria que todas as crianças comessem pela música, por acreditar ser esse o caminho para a paz. «Já viu algum músico começar uma guerra?», gostava de repetir, fixando em nós aqueles olhos sábios e sorridentes. Queria que todas as culturas tivessem voz – mesmo as mais minoritárias ou longínquas – e que as instituições europeias fossem obrigadas a ouvi-las”.

“Creio que foi o homem mais livre que conheci. Nunca lhe vi constrangimento algum. Estava sempre bem, no conforto e no desconforto, tinha sempre o tom justo nas grandes ocasiões e nas outras. A sua resistência era ilimitada porque provinha de um inesgotável fogo interior”. (“Adeus a Lord Menuhin”. H. Vaz da Silva. Jornal Diário de Notícias – 14/03/99)



Yehudi Menuhin, com o Ministro da Educação, na escola piloto do MUS-E, em Algés, em 22 de Maio de 1998.

Mensagens em todas as línguas, numa espécie de Pentecostes permanente

Os textos aqui transcritos foram publicados em livros, jornais, revistas ou programas de concerto ou editados em vídeo. Muitos deles resultam de entrevistas e são aqui apresentados nas línguas em que foram publicados e/ou editados. Dirigem-se a públicos diferentes e têm diferentes objectivos. Dão-nos a conhecer parte da sua filosofia de vida e, em especial, da sua perspectiva sobre a educação e sobre o papel da(s) música(s) nos processos de aprendizagem pessoal e social.

Salientei este aspecto não só porque me interessa particularmente, mas porque é pertinente salientá-lo, já que constitui um elo forte entre Menuhin e Portugal, na fase piloto do projecto MUS-E (1996/99). Era de facto grande o seu empenhamento em pôr em contacto os “mundos das artes e da educação” e muito o tempo que devotava ao projecto MUS-E nos doze países em que ele está implantado. Daí esta selecção particular de textos.

“Que aqueles que me sobreviverem não me chorem, mas continuem a ser úteis, bons e sábios para com os outros, tal como o foram para mim. Embora gostasse muito de poder gozar, por mais alguns anos, os frutos da minha rica e afortunada vida junto da minha querida mulher e família, com música, amigos, literatura e muitos projectos, a verdade é que já recebi, neste mundo de culturas e povos diversos, a benção, o afecto e a protecção suficientes para satisfazer milhares de vidas”. (“Prece/Prayer”. Yehudi Menuhin. Concerto Inaugural do Teatro Camões – 22/05/98)

“Tocar é dar voz a certas coisas que as palavras são incapazes de escrever com fidelidade. Refiro-me por exemplo à dor humana. Os homens devem encontrar na música uma voz com a qual possam expressar-se ou deixar-se persuadir perante situações limites”. (“O violino Silenciado”. Luciana Leiderfarb. Jornal Expresso – 20/03/98)

“Gradually the voices that were ignored are listened to, answer to each other and blend together. They are the voices of the children who sing and dance their different folklores learning from each other at the same time”. (“A Word from our President”. Newsletter da IYMF – Abril 96)
“(…) it is possible to enrich the education of our children by drawing on the music and traditions of many

cultures, and encouraging them to love and respect life in all its variety”. (Themes and Variations. MENUHIN 1972:14)

JD *“Que faria se fosse encarregado da educação das crianças de um país?”*

YM *“Começava por fazê-las cantar e dançar todas as manhãs. A vista serve para estabelecer uma linha, é direccional, une o sujeito ao objecto, numa espécie de confrontação. Mas o ouvido é global. Ora, é necessário juntar o pensamento e a emoção. Não há como os sons para comunicar qualquer coisa. De resto, nas escolas difíceis a violência cessa logo que se faz as crianças cantar e dançar em conjunto. Em seguida ensinava-lhes a cultura dos outros países (...) as crianças mostram-se muito interessadas porque é precisamente o menos corriqueiro que acaba por fasciná-las”. (“Empenhado na Vida”. Jacques Drillon. Revista Visão – 09/01/97)*

CBC *“Lord Menuhin, will you share with us your thoughts and feelings about the MUS-E animations you have observed this morning?”*

YM *“I have been very inspired, very touched this morning – and particularly so at my age – to know that I can trust the people who are teaching the children with all their hearts and I can trust the children, because it is the children’s reaction and the children’s joy in learning how to dance, sing and live together that is our guide. That is the guide – or should be the guide – to the whole world and that is why I am anxious that this feeling, this kind of approach, this kind of formation of teaching should become the norm, the rule for the whole world.(...) I always say we have fought for liberty and fought for independence. We must fight now for dependence, for the feeling that we depend on everybody and ourselves.” (Entrevista. C. Brito da Cruz. Vídeo “Artistas na Escola”. DEB 1998)*

“I feel that it is an important awariness in the human mind of the need to teach by example, by the heart, through motion, through sharing, through imitating, through liberating and not through imposing and not through assuming that the child is an empty sack into which you stuff a certain amount of information. We learn, everybody learns in this process. In any case we have made me very happy. Thank you very much”. (Conferência de Imprensa na Escola Nº 1 de Algés. Vídeo “Artistas na Escola”. DEB 1998)

"Aidez moi à tracer les sentiers que nous explorons pour mieux reconnaître notre avenir et pour qu'il soit digne de nos enfants. Tous mes sentiers ont un aspect en commun : ils servent de liens, ils servent à lier les hommes entre eux, à lier les hommes et les femmes, les générations, les cultures, les espèces et enfin, ils servent à lier notre existence et celle de l'humanité à la nature.

Cela s'accomplit en écoutant, en recevant, en répondant aux divers vibrations musicales qui se transforment en mélodies, en rythmes et en harmonies, en chants et danses. Cela s'accomplit en satisfaisant au besoin de curiosité, de connaître mieux son voisin, en établissant des relations sur une base de réciprocité, d'entraide, en enrichissant nos connaissances et nos sensibilités, en apprenant et en enseignant.

Cela s'accomplit par la nécessité de prolonger la vie, les générations, le respect dû à l'avenir. Cela s'accomplit en établissant la vraie sécurité qui réside dans la confiance mutuelle plutôt que cette sécurité fausse qui oblige à s'emparer des biens d'autrui, de ses territoires, de son intelligence, de son corps même, en s'emparant des ressources précieuses de la nature, de la vie des espèces desquelles nous dépendons tous". ("Le Mot de Notre Président". Newsletter da IYMF – Maio 95)

A Última Mensagem

"Yehudi Menuhin tinha escrito a 17 de Fevereiro uma carta aberta ao Conselho da Europa, para ser publicada em diversos jornais europeus (...). O objectivo era chamar a atenção daquele conselho (que se reúne [reuniu] em Berlim a 24 e 25 de Março) para a necessidade de prestar maior atenção à cultura europeia. Seguem-se excertos.

«A agenda 2000 que define o quadro político e financeiro para a Europa alargada é o dossier fundamental que se encontra de momento sobre a mesa dos governantes dos Estados membros da União Europeia(...).

Só o exercício das artes, dos nossos sentidos (como o ouvido) e a diversidade das culturas europeias é capaz de produzir o verdadeiro respeito do outro e o desejo da paz, permitindo cumprir as realizações colectivas de todos aqueles que partilham a nossa responsabilidade a favor da terra que sofre.

Só através de uma formação criativa que não suprima nenhuma das capacidades da criança, antes a civilize, nós podemos, em conjunto, gerar uma sociedade

que domine e absorva a sua violência. É a arte que pode estruturar as personalidades dos jovens cidadãos, no sentido de uma abertura de espírito, do respeito pelo outro e do desejo da paz(...).

Ignorando a cultura de uma forma cega está-se a construir uma torre de marfim edificada sobre a areia»". (Carta Aberta ao Conselho da Europa, 17/02/99. Jornal Público – 13/03/99)

Dados Biográficos

Nasceu em 1916, em Nova Iorque. Filho de pais judeus de origem russa, Moshe, professor de hebreu, descendente de uma longa linha de rabinos, e de Marutha, a mãe que o levou um só dia à escola e que perante a sua reacção negativa decidiu educá-lo em casa. A mãe que decidiu por épocas, que línguas se deveriam falar em casa, que países eger para continuar os estudos musicais dos seus filhos, que concertos fazer, ... Marutha faleceu aos 101 anos, dois anos antes de Yehudi. Ephzibah, uma irmã de Yehudi seis anos mais nova, foi também uma "criança prodígio", tendo acompanhado Yehudi em repertório para violino e piano (sonatas de Beethoven, Brahms e Schubert, por exemplo) a partir dos dez anos, tanto em concerto como em estúdios de gravação. Yalta, a terceira dos irmãos Menuhin, era uma criança comum que coabitou com os seus irmãos prodígios. É pintora e vive actualmente em Inglaterra.

Yehudi deu o seu primeiro concerto aos 8 anos, aos 12 fez o primeiro contrato discográfico. Aos 18 anos, depois de muitos concertos, comprou um descapotável, descansou de compromissos contratuais e decidiu parar de tocar.

Em 1935 (19 anos) deu 110 concertos em 63 cidades nos cinco continentes. A partir daí, nunca mais deixou de assumir o seu estatuto de violinista nómada e durante sete décadas continuou a tocar e/ou dirigir e a gravar. Até 1999.

Confrontado com o facto de ter sido uma criança prodígio e de tocar durante tantos anos disse:

"Não há prodígios. Há pessoas que por acaso têm a capacidade, o desejo e a curiosidade por compreender e saber mais. (...)Tocar era dar nota a uma certa forma de encarar a vida". ("O violino Silenciado". Luciana Leiderfarb. Jornal Expresso – 20/03/98)

Estudou com Louis Persinger (S. Francisco), George Enesco (Paris), Eugène Isaye (Bruxelas) e Adolf

Busch (Bale). Segundo ele próprio, tentava copiar os seus ídolos Jascha Heifetz (virtuosismo), Fritz Kreisler (elegância) e Mischa Elman (sonoridade).

O modo como tocava levou vários compositores a dedicarem-lhe obras (para além de Bartók, também Walton Bloch, Frank Martin, Lennox Berkeley e outros). Para além da divulgação dessas obras escritas para si e de outras contemporâneas (de Schönberg, Prokofief, Stavinisky, Ravel, Enesco, Szymanowski, etc), ressuscitou o esquecido concerto de Schumann e redescobriu o juvenil concerto de Mendelssohn.

Tocou com Enesco, Kempf, Gold, Rostropovich, Casals e outros génios da sua envergadura. Constituiu um quarteto com Enesco, Monteux e Eisenber, um trio com Gaspar Cassadó e Louis Koetner, outro com Wilhelm Kempf e Pierre Fournier. Tocou sob a direcção de grandes maestros como Elgar, Toscanini, Walter, Furtwängler, Mitropoulos, Klemperer, Boult e tantos outros.

Tocou ainda com Stephane Grapelli, Ravi Shankar e vários grupos de *tsiganes* da Roménia e da Hungria. Ainda em criança, Enesco dera-lhe a conhecer os *tsiganes* na Roménia rural, de quem Lord Menuhin dizia com um sorriso: “Estes génios de espontaneidade são-me mais benéficos do que uma transfusão de sangue”.

Como maestro iniciou-se, em 1963, com a Bath Festival Orchestra e esteve particularmente ligado à Royal Philharmonic Orchestra (presidente e maestro associado), à English String Orchestra (maestro laureado), à Philharmonia Hungarica (presidente honorário), à orquestra de Câmara da Escola Superior de Música Rainha Sofia e à Sinfonia Varsóvia (maestro principal convidado), com quem gravou a integral das Sinfonias de Bethoven. Dirigiu ainda diversos festivais como os de Bath, Windsor, Granada, Santander e o Festival Menuhin.

O percurso “extra-musical” escolhido por Lord Menuhin nem sempre foi o mais fácil; é menos conhecido e de não menor valor. Decisões ditadas pela sua consciência criaram-lhe problemas com grupos políticos ou nações (entre as quais a israelita, a nação do povo *yehudi*, o povo judeu; a norte-americana, à qual pertencia por nascimento; a russa de que era originária a sua família). Essas decisões trouxeram-lhe também grandes e sólidas amizades. Na impossibilidade de tudo descrever, deixo um apontamento cronológico de algumas datas importantes na sua vida, como músico e como

cidadão, lembrando o que Lord Menuhin disse sobre a vida:

“Hay que vivir la vida como una arte, Y respecto a mí lo único que puedo decir es que soy un artista consumido de la vida, porque nunca se llega al fin. Hay que ayudar la juventud a construir, aunando idealismo y realismo. Es la condición para tratar de alcanzar el espíritu de la paz. Ya no se puede ser solamente un o otro. A este respecto, mi violín ha sido mi principal compañero en este combate” (“Yehudi Menuhin”. Juan Chavez. Hola. Março 1999)

1924 S. Francisco. Primeiro concerto profissional. Sinfonia Espanhola de Lalo (aos 8 anos) Nova Iorque. Concerto Nº 1 de Paganini acompanhado por George Enesco e os Capricci de Paganini e Aires Bohémios de Sarasete.

1926 Paris. Concerto de Tchaikovsky e sinfonia Espanhola de Lalo com a Orquestra Lamoureux dirigida por Paul Paray.

1927 Carnegie Hall. Concerto de Beethoven sob a direcção de Fritz Busch.

1929 Berlim. Concertos de Bach, Beethoven e Brahms sob a direcção de Bruno Walter. No final Einstein dir-lhe-ia que apesar de não ser crente, ao ouvi-lo tocar tinha recebido a prova de que Deus realmente existia.

1932 Londres. Sinfonia de Elgar, sob a direcção do próprio Elgar.

1934 Pára de tocar.

1935 Ano recorde de actuações (110 concertos em 63 cidades).

1939/1945 A favor da Cruz Vermelha, toca mais de 500 vezes em hospitais e bases militares aliadas (da Inglaterra ao Pacífico).

1943 Novo repertório de eleição: Concerto nº 2 para violino e Sonata nº 1 de Bártok, por exemplo.

1944 Nova Iorque. Encomenda uma obra a Bartók (Compõe a sonata para violino op. 117).

1945 Alemanha. Toca em campos de concentração, acompanhado por Britten. S. Francisco. Participa no acto inaugural da ONU.

1947 Berlim. Toca sob a direcção de Wilhem Furtwängler, sendo o primeiro judeu a tocar na Alemanha a seguir à 2ª Guerra Mundial (Reacções negativas da comunidade judaica). Nova Iorque. A sonata op. 117 de Bartók é vaiada. Menuhin continua a tocá-la em concerto até a ver reconhecida pela crítica e pelo público.

1948 Participa no acto inaugural da UNESCO.

1952 Índia. Conhece Pandit Nehru. Esse e outros encontros com a cultura indiana darão frutos, como por exemplo, os princípios da técnica violinista inspirados no ioga.

1956 Suíça. Inicia o Festival de Gstaad.

1960 Índia. Conhece Ravi Shankar que convida para o festival de Bath e de Windsor. Inicia parcerias musicais com Shankar e também com Stephan Grapelli, sendo um dos poucos músicos da tradição, dita erudita ocidental, a tocar “outras músicas”. EUA. Durante a guerra fria ajuda Rostropovich a sair de Moscovo e convida Emil Gilels e David Oïstrakh para tocar, numa altura em que “ligações com russos” motivavam perseguições políticas.

1970 Israel. Defende a autonomia palestiniana e Jerusalém como capital única de judeus e palestinos. Na Knesset propõe uma confederação israelo-palestiniana (Extremistas israelitas reagem veementemente contra a proposta). África do Sul. Toca para um público negro (O seu contrato proíbe-o).

1971 Moscovo. Como Presidente do Conselho Internacional da Música (Unesco) defende Soljenitsyne (É considerado *persona non grata* durante 16 anos na Rússia).

1977 Londres. Albert Hall. Anuncia a atribuição do Prémio Nobel da Paz à Amnistia Internacional, organização com que colaborava assiduamente.

1978 Organiza um concerto para a Unesco com músicos do Bahrain, Brasil e Índia (Tocou uma partita de Bach). Foi o primeiro de muitos concertos com músicos de diferentes países e tradições culturais (O último em Novembro de 1998, em Bruxelas).

1985 Obtém a cidadania britânica.

1996 Paris. Colabora com a ONG Hospitais Sem Fronteiras.

1998 Empenha-se em conseguir que a União Europeia se declare guardiã das culturas, o que foi incluído no texto do Tratado de Amsterdão.

1999 Bruxelas. Plenário do Comité da Regiões discute, por iniciativa de Lord Menuhin e Helena Vaz da Silva, a importância do florescimento das culturas para o desenvolvimento regional. Moscovo. Agenda um discurso para fazer na Duma, que não chegou a realizar.

Cargos e Honrarias

Para que se perceba a importância que este músico teve nos meios artísticos e em tantos outros, incluo a seguinte listagem, incompleta e nem sempre organi-

zada cronologicamente, dos cargos que teve e das honrarias com que foi distinguido: 1963 Board of Trustees Member/Comparative Music Studies and Documentation (West Berlin); 1965 Cavaleiro pela Rainha de Inglaterra; 1970 Prémio Nehru; 1970-75 Presidente do International Music Council; 1986 Berlin Moses Mendelssohn Prize, pela promoção da tolerância pelos dissidentes e entre os vários povos, raças e religiões do mundo; 1987 Ordem de Mérito (Inglaterra); 1992 Embaixador da Boa Vontade da Unesco; 1993 Título de Lord (Inglaterra); 1997 Prémio Príncipe das Astúrias da Concórdia (Espanha); 1998 Grã Cruz da Ordem de Santiago de Espada (Portugal); Grã Cruz da Ordem de Mérito Civil (Espanha); Legião de Honra (França); Grande Ordem de Mérito (Alemanha); Ordem de Leopoldo e Ordem da Coroa (Bélgica); Medalha de Ouro da Royal Philharmonic Society; Doctor Honoris Causa por mais de trinta Universidades (Oxford, Cambridg, St. Andrews, Sorbonne 1976,...); Cidadão Honorário de Edimburgo, Bath, Reims, Varsóvia, ...; Medalha de Ouro de Paris, Nova Iorque e Jerusalém; professor Honorário do Conservatório de Pequim (primeiro ocidental a receber essa distinção);...

Indicações Bibliográficas

A maior parte dos livros escritos por Menuhin são difíceis de encontrar e não há ainda uma bibliografia organizada disponível. Referências a livros como *The Music of Man* (Col. Curtis Davis), *Themes and Variations* (1972) e *Menuhin Music Guides* aparecem em livros e entrevistas, no entanto eles não circulam no mercado. Algumas reedições estão já em estudo e é possível ter acesso a:

1991 *A Lição do Mestre*. Trad. M^a Georgina Segurado. Lx: Gradiva [*Life Classe* 1^a ed. 1986]

1996 *Unfinished Journey*. Methuen [1^a ed. 1977]

1996 *La Légende du Violon*. Paris : Flammarion.

A secretária geral da International Yehudi Menuhin Foundation, Marianne Poncelet, escreveu, com a aprovação de Lord Menuhin, os seguintes livros:

1993 *Yehudi Menuhin, Enfant Magicien*. Illust. Nadine Forster. Brussels: Le Lombard.

1998 *Les Enfants du Rêve*. Illust. Emile Benoît. Paris: Les 3 Orangers.

Indicações Discográficas

Numerosas gravações foram feitas durante sete décadas. De 1928 (primeiro contrato com a EMI), em que gravou o 1^o Concerto de Paganini acompanhado por

Enesco, passando pela gravação das Sonatas de Beethoven, Brahms e Schubert acompanhado pela sua irmã Ephzibah, ao Concerto de Violino de Elgar sob a direcção do próprio Elgar, às primeiras gravações da Sinfonia Espanhola de Lalo e da Sonata para Violino op. 117 de Bártok, aos cinco CDs com repertório de Prokofiev, Ravel, Enesco e Szymanowski, aos Concertos de Mendelssohn (mi menor), Beethoven, Brahms e Bártok sob a direcção de Furtwängler e de Klemper, aos Concertos de Alban Berg e de Stravinsky, à integral das Sonatas de Beethoven com Kempf (Deutsch Grammophone) e Trios também com Kempf e Fournier, aos Concertos de Brahms, Mendelssohn e Bruch dirigidos por Rudolf Kempe, Adrien Boult e Rafael Frübeck de Burgo, acabando em 1997 com a integral das Sinfonias de Beethoven em que dirigiu a Sinfonia Varsovia, com quem tinha gravado as sinfonias de Schubert e peças orquestrais de Elgar. A Biddolph Recordings comemorou o seu 75º e 80º aniversários com a edição de CDs e a EMI editou *The Violin of the Century* (2 CDs) e uma colecção de 6 CDs por ocasião do seu 80º aniversário. Gravou ainda para a Philips, Virgin, Nimbus e IMG.

Indico, seguidamente, os discos com gravações de juventude (reeditadas em 1989) e últimas gravações:

1989 *Bach. Sonaten und Partiten (BWV 1001/6). Yehudi Menuhin.* Holland: EMI Records [Mono CHS 7630352]

1997 *Franz Schubert Performed by Yehudi Menuhin with the Sinfonia Varsovia* (5 CD Box). IMG Artist /GIB Music [ref: GIB 7905 2]

1997 *9 Beethoven Sinfonies. Yehudi Menuhin with the Sinfonia Varsovia* (5 CDs). Carlton Classics/IMG Records [3036800072]

Para além do seu percurso na música erudita gravou albuns com Grapelli e Shankar e editou discos ao vivo de concertos em que participou com artistas de diferentes culturas e que foram produzidos pela sua fundação. Exemplos destes discos são:

1994 *All the world's Violons.* IMA Records [ref: IMA-002].

1998 *Les Voix de la Paix. Voices for Peace.* France: International Yehudi Menuhin Foundation/Auvidis Chorus [ref: Chorus AC 6461]

Indicações sobre Vídeos

Entre os vários vídeos produzidos por ou sobre Yehudi Menuhin são de destacar os resultantes dos programas de televisão gravados no Canadá (*The Music*

of Man). Canadian Broadcasting Company. 1976) e um sobre a sua vida, que recebeu o prémio Gramophone para o melhor vídeo do ano (*The Violin of the Century*. 1996).

Conclusão

Este artigo pretende ser uma homenagem.

Pretende retratar um homem que conheci já com aspecto frágil, com oitenta anos acabados de completar, com um sorriso espontâneo como o de uma criança, também presente nos seus olhos azuis muito vivos. Tinha um humor todo especial, um conhecimento imenso sobre as mais distintas matérias, proveniente de uma curiosidade inesgotável e de grandes inteligência e memória. A sua voz grave modificava-se consoante o idioma em que se exprimia e cativava quem o escutasse. E sabia ouvir...

Recordo as suas inúmeras actividades, a sua enorme energia e a paixão que punha nas suas palavras e acções. Lembro concertos, discursos e visitas a escolas, o amor à música e às crianças, mas também a prática de ioga, as idas à piscina em Budapeste ou a maneira como se alimentava frugalmente. Relembro também o espanto com que recebi a notícia da sua morte.

Não me parecia possível ... Ficaram os sonhos e os caminhos abertos para os concretizar. Ficou a sua memória em todos nós. Ficou uma enorme vontade de dizer: muito obrigada!

***Cristina Brito da Cruz** – É diplomada com o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional de Lisboa, pós graduada em Pedagogia Musical pelo Instituto Kodály (Hungria) e mestranda em Ciências Musicais/Etnomusicologia na Universidade Nova de Lisboa. É ainda licenciada em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico. Actualmente é equiparada a professora –adjunta na Escola Superior de Música de Lisboa (onde lecciona Formação Musical, Conjuntos Vocais e Instrumentais e Pedagogia da Iniciação Musical) e coordenadora nacional do projecto MUS-E que a Internacional Yehudi Menuhin Foundation iniciou em quinze países europeus (coordenado em Portugal pelo Ministério da Educação). É membro da APEM (Associação Portuguesa de Educação Musical), APCM (Associação Portuguesa de Ciências Musicais), da IKS (Internacional Kodály Society) e do ICTM (International Council for Traditional Music).